



# Descrição e análise de sinais depictivos na libras<sup>1</sup>

## Description and analysis of depicting signs in Libras

Lucas Gomes de ALBUQUERQUE\*

André Nogueira XAVIER\*\*

**RESUMO:** Segundo Liddell (2003), existem verbos na língua de sinais americana, ASL (do inglês *American Sign Language*), que têm a propriedade de depictar (mostrar) propriedades visuais e topográficas de entidades. Liddell propõe três categorias de verbos depictivos: uma se refere a verbos que depictam a presença de uma entidade em um lugar; uma segunda, a forma e a extensão de uma superfície ou a extensão de um arranjo linear de entidades individuais e, por fim, uma terceira inclui verbos que depictam o movimento ou a manipulação de entidades. O objetivo deste trabalho foi identificar, descrever e analisar sinais depictivos na libras. Para isso, analisamos, através do ELAN, uma contação em libras da “história da pera” por uma sinalizante surda da cidade de São Paulo. Como resultado, identificamos 35 sinais depictivos. Sua análise requereu a criação de uma nova categoria para abrigar construções simultâneas em que sinais depictivos diferentes são produzidos ao mesmo tempo, um em cada mão. Além disso, essa análise mostrou diferenças formais, em comparação com a ASL, na classe dos sinais que depictam tamanho e extensão de entidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Libras. Sinais depictivos. Construções depictivas. Glosas.

**ABSTRACT:** According to Liddell (2003), there are verbs in American Sign Language, ASL, which have the property of depicting (showing) visual and topographic properties of entities. Liddell proposes three categories of depicting verbs: one refers to verbs that depict the presence of an entity in a place; the second one, the shape and extension of a surface or the extension of a linear arrangement of individual entities and, finally, the third category includes verbs that depict the movement or handling of entities. The goal of this work was to identify, describe and analyze depicting signs in Libras. To do so, we analyzed, with ELAN, one retelling in Libras of the “Pear story” by a deaf signer from the city of São Paulo. As a result, we identified 35 depicting signs. Their analysis required the creation of a new category to group simultaneous constructions in which different depicting signs are produced at the same time, one on each hand. Furthermore, this analysis showed formal differences, compared to ASL, in the class of signs that depict size and extent of entities.

**KEYWORDS:** Libras. Depicting signs. Depicting constructions. Glosses.

Artigo recebido em: 03.05.2024

Artigo aprovado em: 03.07.2024

---

<sup>1</sup> Versão para libras disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=72XRQ7gpjgM>

\* Mestrando em Letras pela UFPR. [lucasquerque222@gmail.com](mailto:lucasquerque222@gmail.com)

\*\* Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do curso de licenciatura em Letras Libras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. [andrexavier@ufpr.br](mailto:andrexavier@ufpr.br)

## 1 Introdução

Partindo de Liddell (2003), o objetivo geral deste trabalho é descrever e analisar o uso de *sinais depictivos* em libras. Especificamente, objetivamos identificar, quantificar e analisar as três categorias de sinais depictivos propostas pelo referido autor, utilizando dados de uma narrativa sinalizada por uma mulher surda da cidade de São Paulo.

Antes de tratarmos propriamente desses sinais, considerados por Liddell (2003) como verbos, faz-se necessário explicar o conceito de **depicção**, o qual, por sua vez, tem suas bases na teoria peirceana de signo. Segundo Jakobson (1969), Peirce propõe três tipos de signos: o **ícone**, o **índice** e o **símbolo**. O ícone opera pela semelhança entre o veículo material do signo e seu referente. Como exemplo, pode-se citar a representação pictórica de um animal. O índice, por sua vez, opera pela contiguidade entre o veículo material do signo e seu referente. Por exemplo, a fumaça é índice de fogo e a febre, de uma doença. Por fim, o símbolo opera por uma regra convencional. Desse modo, a sua interpretação depende do conhecimento da convenção. Isso pode ser exemplificado, por exemplo, com as palavras (ex.: 'ki' significa 'árvore' em japonês) ou gestos emblemáticos de uma língua (ex. 2 significa 'OK' em inglês e em outras línguas). Somente aqueles que conhecem a convenção são capazes de interpretar um pareamento de forma e significado.

Em sua teoria do uso linguístico, Clark (1996) propõe que ele se dá por meio de três métodos (e suas combinações) de significar referentes: a **descrição**, a **indicação** e a **demonstração**. Segundo o autor, a descrição é realizada por meio de símbolos. Como explica Dingemanse (2015):

As descrições são tipicamente arbitrárias, sem um *link* motivado entre forma e significado. Elas codificam o significado usando sequências de símbolos com significações convencionalizadas, como as letras da palavra "cano" ou as palavras de uma sentença como "a bola passou por cima do gol". Esses símbolos são discretos, logo, não são gradientes: pequenas diferenças na forma não correspondem a diferenças analógicas no significado. Para interpretar as descrições,

nós decodificamos os símbolos de acordo com um sistema de convenções (Dingemanse, 2015, p. 950-951, tradução nossa<sup>2</sup>).

A indicação, por sua vez, consiste em significar referentes específicos através do uso de índices. Nas línguas orais, por exemplo, esse método pode ser realizado via pronomes (ex.: 'eu', 'tu', 'ele', etc. em português), bem como através de gestos de apontamento.

Por fim, a demonstração, ou depicção nos termos de Liddell (2003) e mais recentemente nos termos do próprio Clark, consiste em significar entidades por meio de ícones, os quais variam em seu grau de convencionalização, e são usados para mostrar um significado e não descrevê-lo (Clark, 2016).

Para descrever e analisar verbos depictivos na libras, o presente artigo está organizado da seguinte forma. Na seção 2, apresentamos nossos pressupostos teóricos. Na seção 3, descrevemos nosso método. Precisamente, apresentamos nossa fonte de dados, bem como nossas categorias e procedimentos de análise. Na seção 4, reportamos nossos resultados, evidenciando que, em boa medida, a classificação de Liddell (2003) é aplicável a dados da libras, e na seção 5, discutimos esses resultados, destacando algumas diferenças entre a ASL e a libras que observamos. Por fim, na seção 6, fazemos nossas considerações finais, sugerindo pesquisas futuras.

## 2 Pressupostos teóricos

Liddell (2003) propõe no capítulo 9 de sua obra uma classe de verbos na ASL que recuperam em sua forma certos aspectos visuais de uma entidade ou informações topográficas relativas a ela. Em outras palavras, esses verbos que, além de codificar ações e estados, como os verbos em geral, também depictam (mostram) aspectos

---

<sup>2</sup> Descriptions are typically arbitrary, without a motivated link between form and meaning. They encode meaning using strings of symbols with conventional significations, as the letters in the word "pipe" or the words in a sentence like "the ball flew over the goal." These symbols are discrete rather than gradient: small differences in form do not correspond to analogical differences in meaning. To interpret descriptions, we decode such strings of symbols according to a system of conventions (Dingemanse, 2015, p. 950–951).

visuais destes e de seus participantes. De acordo com o autor, esses aspectos não atendem a critérios como listabilidade, previsibilidade e produtividade, característicos dos morfemas e, por essa razão, não são assim tratados por ele.

Liddell (2003) propõe três categorias de verbos depictivos. A primeira categoria abrange verbos que depictam a presença de uma entidade numa localização. Tais verbos, segundo o autor, compartilham um traço morfofonológico que consiste no movimento retilíneo direcionado para baixo, seguido de uma suspensão. A Figura 1 apresenta um exemplo de verbo desse subtipo na ASL, a saber, VEÍCULO-ESTAR-EM. Tal verbo depicta a presença de um veículo em uma determinada localização. A forma como a configuração de mão empregada para representar um veículo é produzida permite construir os seguintes significados: o veículo encontra-se na sua posição típica, ou seja, sobre quatro rodas (e não capotado), a frente do veículo, representada pelos dedos indicador e médio, está voltada para a esquerda da sinalizante, e uma de suas laterais voltada para o sinalizante, logo, vista desta perspectiva. Outros significados ainda podem ser construídos a partir do mesmo sinal, o que, como dito, de acordo com Liddell, inviabiliza uma análise morfêmica.

Figura 1 – Exemplo de verbo depictivo que expressa a presença de uma entidade na ASL.



VEÍCULO-ESTAR-EM

Fonte: Liddell (2003, p. 262).

Os verbos depictivos da segunda categoria proposta por Liddell (2003) diferem da primeira em sua forma e em sua semântica, pois, respectivamente, eles são produzidos com as duas mãos e depictam não a existência de uma entidade, mas

a sua forma e extensão. Na produção desses verbos, as duas mãos assumem a mesma configuração, contudo, normalmente, uma delas se mantém parada enquanto a outra se movimenta. Liddell explica que a configuração da mão depicta a forma de uma entidade, enquanto o movimento depicta a sua extensão. O autor ainda explica que quando a mão assume uma orientação específica e se desloca no espaço de forma reta, ela depicta várias entidades daquele tipo, ou seja, seu arranjo linear. Na Figura 2, reproduzimos de Liddell (2003) um exemplo de verbo depictivo desse segundo tipo. O sinal abaixo glosado como CILINDRO-PEQUENO-SUPERFÍCIE-LONGA expressa as seguintes informações: as mãos configuradas em pinça depictam a forma cilíndrica da entidade, a mão não dominante, MND, se mantém estática enquanto a mão dominante, MD, se movimenta sinuosamente até delimitar a extensão da entidade depictada.

Figura 2 – Exemplo de verbo que depicta forma e extensão de uma entidade na ASL.



CILINDRO-PEQUENO-SUPERFÍCIE-LONGA

Fonte: Liddell (2003, p. 264).

O terceiro tipo de verbos depictivos que Liddell propõe abrange verbos que depictam ações. Essa depiction pode salientar o deslocamento ou a manipulação de uma entidade. No primeiro caso, o movimento da mão descreve como uma entidade se move no espaço. No verbo da Figura 3a é possível depreender que a MD depicta uma pessoa através da CM em 1 (dedo indicador estendido e demais fechados), enquanto o seu movimento depicta a trajetória da entidade. Já no segundo caso, depicta-se como uma entidade é movida por meio de sua manipulação. O verbo da Figura 3b é realizado com a mão configurada de tal forma que os dedos

aparecem flexionados nas articulações metacarpofalangeanas, mas estendidos nas outras, em contato com a superfície de fricção do polegar. A mão é movida para o espaço em frente ao corpo do sinalizante, simulando a ação de pegar um objeto plano e fino.

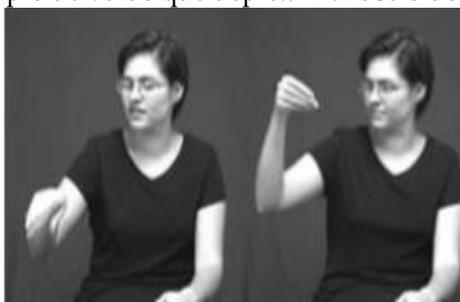
Figura 3a – Exemplo de verbo que depicta movimento de entidade na ASL.



PESSOA-À-DIREITA-ANDAR-ATÉ

Fonte: Liddell (2003, p. 267).

Figura 3b – Exemplo de verbo que depicta manuseio de entidade na ASL.



PEGAR-OBJETO-PLANO-FINO

Fonte: Liddell (2003, p. 267).

Assim como nos dois outros tipos, Liddell (2003) reforça a impossibilidade de analisar esses verbos morfemicamente, pois o grande número de informações expresso por eles exigiria um número proporcional de morfemas. A partir do verbo VEÍCULO-DIRIGIR-NA-DIREÇÃO-DE<sup>[L1-L2]<sup>3</sup></sup> apresentado na Figura 5, pode-se entender que um veículo, visto lateralmente pelo sinalizante, se move para a sua esquerda em linha reta.

<sup>3</sup> Os sobrescritos significam: [↓], movimento para baixo para disposição espacial do sinal, [L1], localização inicial e [L2], localização final.

Figura 4 – Exemplo de verbo que depicta movimento de entidade na ASL.

VEÍCULO-DIRIGIR-NA-DIREÇÃO-DE<sup>↓L1-L2</sup>

Fonte: Liddell (2003, p. 265).

Mais recentemente, Takkinen, Keränen e Salonen (2018) analisaram sinais depictivos na língua de sinais finlandesa em três gêneros discursivos diferentes, a saber, apresentação pessoal, narrativa e discussão. Os autores reportam maior ocorrência de sinais depictivos no gênero narrativo e, entre eles, uma predominância de sinais que depictam o deslocamento de uma entidade.

### 3 Metodologia

#### 3.1 Fonte de dados

A “história da pera”<sup>4</sup> é um filme criado pelo linguista Wallace Chafe da Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos Estados Unidos, no ano de 1975. Ela foi criada com o propósito de ser utilizada para eliciar narrativas em várias línguas e possibilitara comparação entre elas. O filme consiste basicamente em uma história encenada e filmada sem o uso de linguagem verbal e tem a duração de seis minutos. No Brasil há pesquisadores empregando-a para eliciar narrativas em libras (McCleary; Viotti, 2007) e para descrever diferentes aspectos da gramática em libras (Gabardo; Xavier, 2019, 2024).

A narrativa da “história da pera” que foi utilizada como fonte de dados para esta pesquisa advém do *corpus* de Wilcox e Xavier (2013). A narrativa foi eliciada e gravada no ano de 2012 no estúdio da Federação Nacional de Educação e Integração

---

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=bRNSTxTpG7U>

dos Surdos (Feneis) de São Paulo. A coleta de dados ocorreu da seguinte maneira: primeiramente, foi apresentado à sinalizante surda, através de um notebook, o vídeo da “história da pera”. Após assistir ao vídeo, foi solicitado que a sinalizante recontasse, em libras, a história ao segundo autor deste trabalho, ouvinte, mas fluente em libras.

### 3.1.1 Participante

A sinalizante surda que narrou em libras “A história da pera”, fonte de dados deste trabalho, é a Profa. Sylvia Lia Grespan Neves. Sylvia é bilíngue, ou seja, fluente em libras e português e tinha 44 anos quando aceitou participar da pesquisa de Wilcox e Xavier (2013). Ela nasceu de pais ouvintes e, conseqüentemente, só pôde aprender libras, através da interação com outras crianças surdas, na escola de surdos, que começou a frequentar a partir dos seis anos de idade. Sylvia nasceu em Vinhedo, interior do estado de São Paulo, mas, à época da gravação, residia na cidade de São Paulo, para onde se mudou aos seis anos de idade. Ela possui formação superior e atua como professora de libras no ensino superior.

### 3.2 Categorias de análise

Os sinais depictivos identificados na narração de “A história da pera” analisada foram classificados, tal como Liddell (2003), em três categorias: (1) sinais que depictam a presença de uma entidade em um lugar; (2) sinais que depictam a forma e a extensão de uma superfície ou a extensão de um arranjo linear de entidades individuais e (3a) sinais que depictam (a) movimento ou (3b) manipulação de entidades (Liddell, 2003, p. 262). Em virtude de os sinais do Tipo 3a e 3b serem, a nosso ver, muito diferentes entre si do ponto de vista das partes do corpo utilizadas e do espaço mental empregado em sua produção, decidimos desmembrá-los em duas categorias.

Numa categoria reunimos os sinais que depictam movimento de entidades, representadas por sinais produzidos pelas mãos/braços, logo numa escala menor, em um espaço mental denominado por Liddell (2003) de **espaço depictivo**. Na outra categoria, agrupamos os sinais que, diferentemente da anterior, envolvem todo o corpo na representação de entidades, logo, em uma escala maior, no espaço mental designado pelo mesmo autor como **espaço subrogado**. A nosso ver, os verbos de manuseio se enquadram nessa categoria, pois, ainda que de forma implícita ou menos saliente em alguns discursos, implicam o corpo do agente cuja(s) mão(s) manuseiam uma entidade.

Para facilitar a referência a essas categorias, optamos por nos referir a elas como Tipo 1, Tipo 2, Tipo 3 e Tipo 4, respectivamente (Figura 5).

Figura 5 – Categorias de análise.



Fonte: os autores.

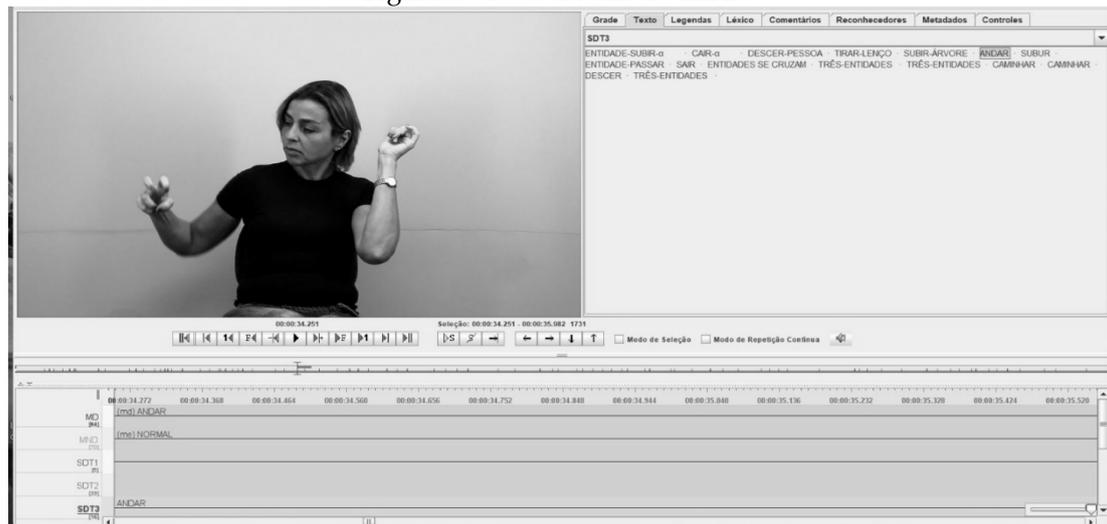
### 3.3 Procedimentos de análise

O vídeo contendo a narração de “A história da pera” foi analisado no ELAN, software livre que permite segmentar e fazer anotações sincronizadas ao vídeo<sup>5</sup>. Como se pode ver na Figura 6 a seguir, para a anotação, criamos, inicialmente, cinco trilhas: a primeira para delimitar sinais que, de acordo com a nossa análise, se encaixam em um dos três tipos de verbos depictivos propostos por Liddell (2003). Já as demais trilhas foram criadas para especificar o tipo.

---

<sup>5</sup> <https://archive.mpi.nl/tla/elan/download>

Figura 6 – Print da tela do ELAN.



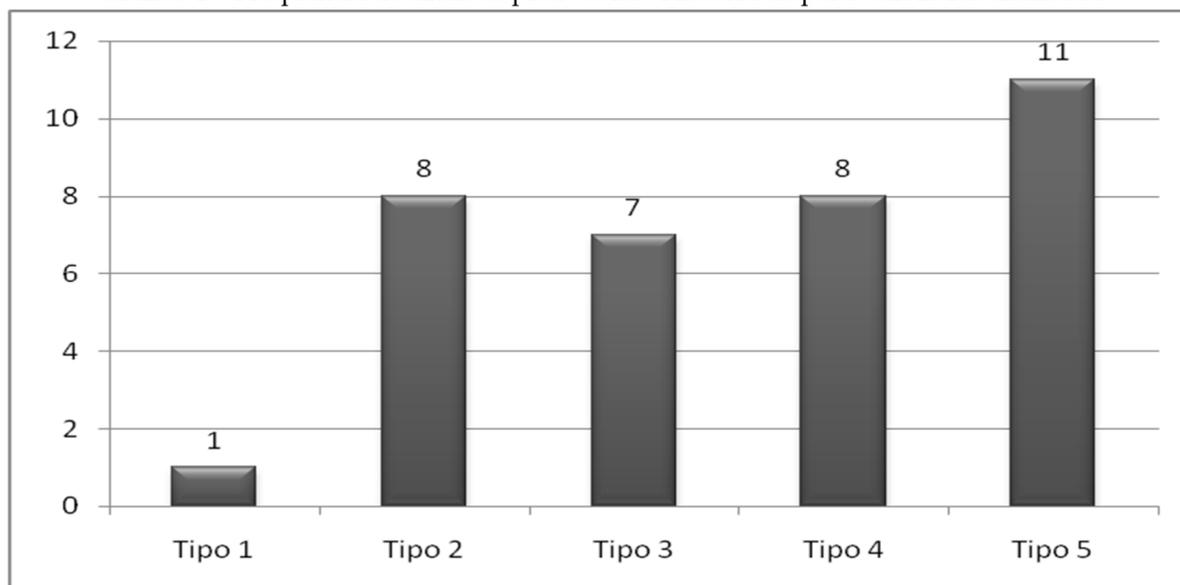
Fonte: os autores.

## 4 Resultados

Ao todo foram identificados na narrativa analisada 35 sinais depictivos. Optamos por não designá-los como verbos, tal como Liddell (2003), por não ser claro para nós se todos os sinais que identificamos pertencem a essa categoria gramatical.

No Gráfico 1, apresentamos a frequência de sinais depictivos (*types*) e não as ocorrências de cada um deles (*tokens*). Como se pode ver, identificamos apenas um caso de sinal depictivo que parece ser do Tipo 1 e oito casos que nos pareceram ser do Tipo 2. Somando-se a isso, encontramos, para os Tipos 3 e 4, desmembramentos da terceira categoria proposta por Liddell (2003), respectivamente, sete e oito sinais. Por fim, conforme também mostra o Gráfico 1, foi acrescentada uma quinta categoria, Tipo 5, para reunir, como se discutirá na seção 4.5, construções depictivas. Essas construções, mais frequentes em nossos dados, 11, envolvem mais de um sinal depictivo e podem ser realizadas sequencial ou simultaneamente. Nas construções simultâneas, os sinais depictivos são produzidos um em cada mão.

Gráfico 1 – Frequência de sinais depictivos na “História da pera” em libras analisada.



Fonte: os autores.

#### 4.1 Tipo 1

Na narrativa analisada, encontramos apenas um sinal depictivo que nos parece ser do Tipo 1. Trata-se do sinal ENTIDADE-ANIMADA-ESTAR-EM, que foi empregada na narrativa para depictar a presença de um homem em cima de uma árvore. Como se pode ver na Figura 7, esse sinal é produzido pela mão dominante (MD) exibindo os dedos indicador e médio em gancho e os demais fechados, enquanto a mão não-dominante (MND) articula parte do sinal ÁRVORE.

Figura 7 – Exemplo de sinal depictivo do Tipo 1.



MD: ENTIDADE-ANIMADA-ESTAR-EM

MND: ÁRVORE

Link: <https://youtu.be/nFXUABRovtw>

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Formalmente, o sinal ENTIDADE-ANIMADA-ESTAR-EM apresenta quase todas as características mencionadas por Liddell (2003) para sinais desse tipo na ASL. Em outras palavras, ele se caracteriza como sendo produzido através de um movimento seguido de uma suspensão. Apesar disso, o movimento não é para baixo, mas para o lado e a suspensão ocorre com o contato da mão dominante na mão não-dominante, que representa a 'árvore'.

## 4.2 Tipo 2

Classificamos nove sinais observados na narração de "A história da pera" por Sylvia como Tipo 2, em razão de eles depictarem, através da configuração de mão, a forma e, por meio do movimento, a extensão de entidades. Isso pode ser visto no exemplo da Figura 8, OBJETO-CILÍNDRICO-VERTICAL, que depicta através da configuração de mão em C (<), a forma do objeto a que a narradora faz referência, uma cesta, e por meio da direção do movimento a sua extensão e a sua disposição vertical.

Figura 8 – Exemplo de sinal depictivo bimanual do Tipo 2.



OBJETO-CILÍNDRICO-VERTICAL

Link: <https://youtu.be/-7vVOpoaXUk>

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Notamos, entretanto, uma diferença formal em relação à ASL. Segundo Liddell (2003), na ASL, sinais correspondentes ao nosso Tipo 2 apresentam a mão não dominante estática. Em todos os dados que levantamos, as duas mãos se movem simultaneamente. Além disso, encontramos também sinais depictivos monomanuais que, assim como os bimanuais, se encaixam na definição de Liddell

(2003) para o que estamos chamando de Tipo 2. Como exemplo, citamos o sinal da Figura 9, aqui glosado, seguindo a convenção proposta por Liddell (2003), como OBJETO-FINO-COMPRIDO, mas comumente glosado e traduzido para o português como ‘menina’ ou ‘mulher’.

Figura 9 – Exemplo de sinal depictivo monomanual do Tipo 2.



OBJETO-FINO-COMPRIDO

Link: <https://youtu.be/0jUUtEUSylviaTA>

Fonte: *Corpus* da pesquisa

Com base em Klima e Bellugi (1979, p. 24), tal sinal, também empregado na ASL e muito provavelmente originário da língua de sinais francesa, pode remeter às fitas de chapéus femininos do tipo retratado na Figura 10. Precisamente, o dedo polegar (em oposição ao uso de outras configurações) representa a espessura fina, enquanto o movimento indica a extensão da fita.

Figura 10 – Possível motivação para o sinal normalmente traduzido para o português como ‘mulher’/‘menina’.



Fonte: <https://i.ebayimg.com/images/g/sasAAOSwZ21jNBGK/s-11600.jpg>.

### 4.3 Tipo 3

Na narrativa analisada, encontramos oito sinais depictivos do Tipo 3. Exemplificamos esse tipo por meio do sinal ENTIDADE-ANIMADA-MOVER-SE, o

qual depicta, na narrativa analisada, um menino andando. Como se pode ver na Figura 11, tal sinal é produzido pela mão dominante (1) exibindo os dedos indicador e médio em gancho, os quais representam as pernas do menino, e (2) realizando um movimento retilíneo, que representa o deslocamento dele.

Figura 11 – Exemplo de sinal depictivo do Tipo 3.



ENTIDADE-ANIMADA-MOVER-SE

Link: <https://youtu.be/oGyQcEHkrYs>

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

#### 4.4 Tipo 4

Encontramos dez sinais depictivos do Tipo 4. Como exemplo, citamos e ilustramos na Figura 12 o sinal *SEGURAR-OBJETO-COM-AS-DUAS-MÃOS*, em que se pode ver as duas mãos, configuradas em S (6), depictando a maneira como o menino de “A história da pera” pessoa segura e, na sequência, levanta um cesto.

Figura 12 – Exemplo de sinal depictivo bimanual do Tipo 4.



SEGURAR-OBJETO-COM-DUAS-MÃOS

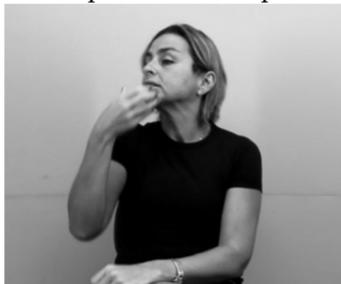
Link: <https://youtu.be/KU3sOyURw3E>

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Entre os sinais depictivos do Tipo 4 também identificamos sinais monomanuais, tal como o que apresentamos na Figura 13. Embora esse sinal seja

normalmente traduzido e mesmo glosado como ‘fruta’ ou ‘maçã’ em português, ele, na verdade, depicta a manipulação de uma fruta como o formato de uma maçã e a ação de levá-la à boca para comê-la.

Figura 13 – Exemplo de sinal depictivo do Tipo 4.



SEGURAR-MOVER-NA-DIREÇÃO-DA-BOCA-OBJETO-REDONDO

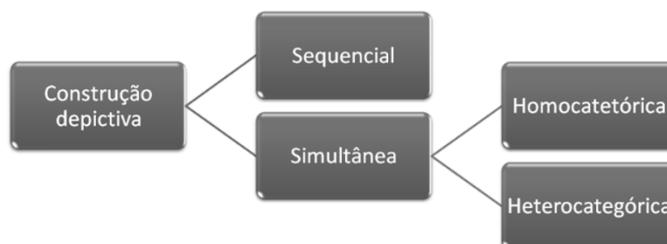
Link: <https://youtu.be/js2KS3lrbIw>

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

#### 4.5 Tipo 5

Conforme anunciado na introdução desta seção, a análise da narração de “A história da pera” por Sylvia nos levou a propor uma nova categoria à tipologia de Liddell (2003) em razão de termos encontrado construções depictivas, ou seja, combinações de mais de um sinal depictivo. Chamamos esses casos de Tipo 5 e, com base nos dados identificados, propomos as subclasses apresentadas na Figura 14 a seguir.

Figura 14 – Subcategorias do Tipo 5.



Fonte: os autores.

Construções depictivas sequenciais consistem em combinações de sinais depictivos produzidos um depois do outro. Já construções depictivas simultâneas são aquelas em que os sinais depictivos são produzidos ao mesmo tempo, um em

cada mão. Notamos que, entre essas construções, há aquelas em que os dois sinais pertencem à mesma categoria (homocategóricas) e aquelas em que os sinais que compõem a construção pertencem a categorias diferentes (heterocategóricas). Exemplos dessas subcategorias serão apresentados a seguir.

O único caso de construção depictiva sequencial encontrado se constitui de uma sucessão de sinais depictivos do Tipo 2. Essa construção foi empregada por Sylvia para referir-se ao avental do apanhador de peras de “A história da pera” (Figura 15).

Figura 15 – Exemplo de construção depictiva sequencial envolvendo sinais do Tipo 2.



Link: <https://youtu.be/Mqp2I9aJgbs>

Fonte: os autores.

As construções depictivas simultâneas, por outro lado, foram mais frequentes, totalizando dez. Entre elas, três homocategóricas. Ilustramos esses casos com os exemplos da Figura 16 e 17. No primeiro, vê-se Sylvia produzindo, em cada mão, um sinal que depicta o deslocamento de um veículo, um em direção oposta em relação ao outro. Ambos os sinais são do Tipo 3.

Figura 16 – Exemplo de construção depictiva simultânea envolvendo sinais do Tipo 3



MD: VEÍCULO-DIRIGIR-NA-DIREÇÃO-DE<sup>L1-L2</sup>

MND: VEÍCULO-DIRIGIR-NA-DIREÇÃO-DE<sup>L1-L2-L1</sup>

Link: <https://youtu.be/IM0d8xHChE0>

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

O exemplo da Figura 17, por sua vez, se constitui de dois sinais depictivos do Tipo 4. Em ambas as mãos, Sylvia produz um sinal depictivo de manuseio. Pelo contexto, pode-se dizer que na mão dominante, MD, a entidade manuseada é um lenço e na mão não dominante, MND, a pera.

Figura 17 – Exemplo de construção depictiva simultânea envolvendo sinais do Tipo 4.



MD: SEGURAR-FRICCIONAR-OBJETO

MND: SEGURAR-OBJETO-REDONDO

'limpar a pera'

Link: <https://youtu.be/Hcd2RjYwO54>

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

O mais frequente subtipo de construção depictiva simultânea foi a heterocategórica, totalizando sete sinais. Para ilustrá-lo, citamos o exemplo da Figura 18. Embora tradicionalmente glosado como PERA, o que sugere a sua indivisibilidade em termos de unidades significativas menores, à luz de Liddell (2003), entendemos que esse sinal pode ser decomposto em dois sinais depictivos. Um desses sinais pertence ao Tipo 2. Realizado pela mão dominante, ele depicta a

superfície da pera. Já o outro, articulado pela mão não dominante, depicta a maneira como uma pessoa segura essa fruta pela base, sendo, portanto, do Tipo 4.

Figura 18 – Exemplo de construção depictiva simultânea envolvendo sinais dos Tipos 2 e 4 .



MD: SUPERFÍCIE DA FRUTA  
MND: SEGURAR-OBJETO-REDONDO  
'pera'

Link: [https://youtu.be/6imveb5Z\\_I0](https://youtu.be/6imveb5Z_I0)

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

Em nossos dados, além de construções depictivas simultâneas heterocategóricas envolvendo sinais dos Tipos 2 e 4, encontramos outras em que sinais dos Tipos 2 e 3 e dos Tipos 3 e 4 são combinados. O exemplo da Figura 19 ilustra a combinação simultânea de um sinal que depicta a forma de uma entidade através de sua configuração de mão bC<sup>6</sup> (L) (Tipo 2) e sua queda por meio de seu movimento (Tipo 3)<sup>7</sup>.

Figura 19 – Exemplo de construção depictiva simultânea envolvendo sinais dos Tipos 2 e 3.



Link: [https://youtu.be/WPOIJPD\\_zc0](https://youtu.be/WPOIJPD_zc0)

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

<sup>6</sup> Seguindo a convenção de Klima e Bellugi (1979) bC (L), ou *baby C*, é usado para representar uma configuração de mão que se parece com a C (<), mas que, diferentemente, apresenta apenas os dedos polegar e indicador curvos, enquanto os demais aparecem fechados.

<sup>7</sup> Um parecerista anônimo nos questiona por que o exemplo da Figura 19 não pode ser considerado um verbo depictivo do Tipo 3: movimento de entidade. Em nossa visão, essa classificação estaria incorreta, pois a configuração de mão do sinal em questão não representa uma entidade inteira, com é o caso do exemplo da ASL VEÍCULO-ESTAR-EM (Figura 4).

Já o exemplo da Figura 20, tradicionalmente glosado como BICICLETA, ilustra a combinação de um sinal que depicta o manuseio de uma entidade (o guidão da bicicleta) através de sua configuração de mão (Tipo 4), e o movimento das pernas, por meio do movimento alternado das mãos (Tipo 3).

Figura 20 – Exemplo de construção depictiva simultânea envolvendo sinais dos Tipos 3 e 4.



Link: <https://youtu.be/GqIM59bf66M>

Fonte: *Corpus* da pesquisa.

## 5 Discussão

A análise da narração de “A história da pera” por Sylvia a partir da tipologia de verbos depictivos proposta por Liddell (2003) para a ASL, em um primeiro momento, revelou, como mostramos na seção anterior, a sua aplicabilidade à libras. Em um segundo momento, no entanto, mostrou diferenças entre as línguas em questão ou, pelo menos, entre os tipos de dados analisados pelo referido autor e por nós.

Uma primeira diferença se vincula à categoria verbal atribuída por Liddell (2003) a todos os sinais depictivos da ASL que analisou. Embora estejamos de acordo com o autor em relação à designação dos sinais de que levantamos e analisamos aqui como depictivos, não estamos seguros de tratar todos eles como verbos. Os sinais do Tipo 3 e do Tipo 4, de fato, nos parecem ser verbos, uma vez que representam eventos. Os sinais do Tipo 2, no entanto, não nos parecem sequer verbos de estado. Em nossa visão, eles parecem se comportar mais como adjetivos. Interessantemente, nem nas glosas que Liddell (2003) propõe para sinais desse tipo aparece um verbo em inglês como nos outros, especialmente do Tipo 1, que se refere a estados. Diante disso, nossa decisão foi designar nossos dados de forma mais genérica, isto é, como sinais depictivos.

Uma segunda diferença diz respeito ao fato de que os dados de libras que analisamos incluem não apenas formas simples, como as descritas por Liddell (2003) para a ASL. Identificamos também formas complexas, que denominamos construções depictivas e que reunimos no Tipo 5, não previsto na taxonomia do referido autor. Entre essas construções, encontramos umas que se expressam sequencialmente e outras simultaneamente, caso no qual dois sinais depictivos são produzidos ao mesmo tempo, um em cada mão.

É importante dizer que muitos dos dados que levantamos são tradicionalmente glosados em português como nomes. Considerando, como Leite *et al.* (2022), que esse recurso gráfico muitas vezes envia o olhar do linguista não apenas no que diz respeito à categorização gramatical, mas também à semântica do sinal, optamos aqui, mesmo nos casos em que sabemos haver uma glosa convencional para um dado sinal, empregar glosas semelhantes às propostas por Liddell (2003) para sinais depictivos da ASL. Por exemplo, embora o sinal depictivo apresentado na Figura 7 possa ser traduzido como ‘cesto’, ele foi glosado como **OBJETO-CILÍNDRICO-VERTICAL**, primeiramente porque sua interpretação como ‘cesto’ é totalmente dependente do contexto em que foi usado. Em segundo lugar, glosá-lo por meio de um nome em português pode mascarar a sua verdadeira função gramatical: adjetival, para nós, ou verbal, para Liddell (2003).

O mesmo pode ser dito em relação aos sinais comumente glosados como **HOMEM**, **MENINO**, **MULHER**, **BIGODE**, **AVENTAL**, **LENÇO** e **CHAPÉU**. Nesses casos, a nosso ver, Sylvia não está nomeando as entidades como suas glosas fazem parecer. Na verdade, ela está depictando a forma e a extensão, respectivamente, de uma barba ou barbicha<sup>8</sup>, da fita de um chapéu, de um bigode, de partes de um avental (alça, bolso), lenço e de um chapéu. Entre os sinais depictivos dos Tipos 4 e 5 também identificamos casos semelhantes. Trata-se, respectivamente, dos sinais normalmente

---

<sup>8</sup> Podemos interpretar também tanto o sinal **HOMEM** quanto o sinal **MENINO** como sinais que depictam o manuseio de pelos, tal como no próprio sinal **PELO**.

glosados em português como ‘fruta’ ou ‘maçã’ (Figura 13) e ‘pera’ (Figura 18). Ainda que até se possa encontrar esses sinais em dicionários como nomes bem estabilizados em libras, é só em contexto que se poderá saber o significado e a classe gramatical deles. O sinal depictivo traduzível para o português como ‘fruta’ ou ‘maçã’ na narrativa analisada, por exemplo, claramente foi empregado para fazer referência à ação de comer uma fruta ou uma maçã e não à fruta propriamente. O sinal depictivo traduzível como ‘pera’, em outros contextos, pode ser entendido como ‘coxinha’, por exemplo.

## 6 Considerações finais

Este trabalho buscou aplicar à dados da libras retirados da narração de “A história da pera” uma sinalizante surda do estado de São Paulo a classificação proposta de Liddell (2003) para o que o autor denominou verbos depictivos. Os resultados deste estudo apontam para a existência em libras dos três tipos originalmente propostos por Liddell (2003), mas também para a necessidade de criação de uma nova categoria para acomodar construções depictivas que, inclusive, foram o Tipo mais frequente nos dados analisados.

Mais estudos são necessários para verificar a(s) categoria(s) gramatical(is) de sinais depictivos na libras, dado que, diferentemente do tratamento verbal dado por Liddell (2003) para sinais desse tipo na ASL, essa análise não nos parece ser possível, pelo menos para os sinais do Tipo 2. Estudos futuros em libras poderão ainda verificar se, de fato, a maior ou menor frequência de sinais depictivos, de forma geral, ou de um determinado tipo de sinal depictivo, de forma específica, é reflexo do gênero discursivo em que foram produzidos, tal como reportaram para a língua de sinais finlandesa Takkinen, Keränen e Salonen (2018).

## Agradecimentos

Agradecemos muito à Profa. Dra. Sylvia Lia Grespan Neves (USP), cuja narração de “A história da pera” foi analisada neste trabalho. Agradecemos também o Prof. Dr.

Tarcísio Leite (UFSC) e a Profa. Me. Daiane Ferreira (UFPR) por suas contribuições quando integraram a banca de defesa do TCC, de autoria do primeiro autor e orientado pelo segundo, que deu origem ao presente trabalho. Suas correções e comentários, indubitavelmente, nos ajudaram a melhorar trabalho. Incorreções remanescentes são de nossa total responsabilidade.

## Referências

CLARK, H. H. Depicting as a method of communication. *Psychol. Rev.* 123, 324–347, 2016. Disponível em: <https://www.apa.org/pubs/journals/features/rev-rev0000026.pdf>. DOI <https://doi.org/10.1037/rev0000026>

CLARK, H. H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

DINGEMANSE, M. Ideophones and reduplication: depiction, description, and the interpretation of repeated talk in discourse. *Stud. Lang.* n. 39, p. 946–970, 2015. DOI <https://doi.org/10.1075/sl.39.4.05din>

GABARDO, A. L; XAVIER, N. A. Troca de dominância em diferentes situações comunicativas. *Cadernos de Linguística*, 2024. p. 1-26. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/732>. DOI <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7791>

GABARDO, A. L; XAVIER, N. A. Estudo Preliminar da Troca de Dominância em Libras. *RevDia*, v. 7, n. 2, 2019. p. 70–87. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/7744>.

JAKOBSON, R. À Procura da Essência da Linguagem e Lingüística e Poética. *In: Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, Ursula. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press; 1979.

LEITE, T. A.; AMPESSAN, J. P.; BOLDO, J.; TASCALOHN, J.; AZEVEDO, G. S. de O. Semântica lexical na libras: Libertando-se da tirania das glosas. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1833>. DOI <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.1833>

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language*. 1.ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511615054>

McCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). *In: SALLES, H. (org.). Bilinguismo e surdez: questões linguísticas e educacionais.* Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 23-96.

TAKKINEN, R.; KERÄNEN, J.; SALONEN, J. Depicting Signs and Different Text Genres: Preliminary Observations in the Corpus of Finnish Sign Language. *In: PROCEEDINGS OF THE LREC2018 8th WORKSHOP ON THE REPRESENTATION AND PROCESSING OF SIGN LANGUAGES: INVOLVING THE LANGUAGE COMMUNITY, 2018, Miyazaki, Japan. Proceedings [...]. European Language Resources Association (ELRA). Disponível em: [http://www.lrec-conf.org/workshops/lrec2018/W1/summaries/18038\\_W1.html](http://www.lrec-conf.org/workshops/lrec2018/W1/summaries/18038_W1.html). Acesso em: 03 jul. 2024.*

WILCOX, S.; XAVIER, A. N. A framework for unifying spoken language, signed language and gesture. *Todas as Letras*, v. 15, n. 1, p. 88-110, 2013. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/5273>.